

A história do ‘acordo criminoso’ da chapa Lula/José Alencar em 2002

A revelação dos detalhes da negociação entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Liberal para acertar a chapa Lula/José Alencar que disputaria a Presidência da República em 2002 constituiu um dos episódios mais graves da era Lula. Não teve a repercussão merecida. A verdade é que não houve entendimento político em torno de propostas para o País, nem tampouco o debate sobre um programa de governo. Tratou-se de dinheiro, apenas. De quanto o PT repassaria para o PL, a fim de obter apoio do partido ao qual era filiado o homem que Lula desejava como seu vice-presidente.

Ao denunciar o escândalo do mensalão, o procurador-geral da República, Antonio Fernando de Souza, qualificou a aliança eleitoral entre PT e PL de “acordo criminoso”. Ele acusou o deputado cassado José Dirceu (PT-SP) e os presidentes nacionais das duas legendas, deputado José Genoíno (PT-SP) e na época ex-deputado Valdemar Costa Neto (PL-SP), que havia renunciado para se livrar de eventual cassação do mandato por quebra de decoro. Mas deixou de fora Lula (PT-SP) e José Alencar (PL-MG). Trecho da denúncia encaminhada ao STF (Supremo Tribunal Federal), na qual o procurador-geral abordou as operações de lavagem de dinheiro com as quais o PT pagou o PL:

“De fato, consciente de que os montantes eram oriundos de organização criminosa voltada para o cometimento de crimes contra a administração pública e contra o sistema financeiro nacional, os denunciados articularam mecanismo para dissimular a origem, natureza e destino dos valores auferidos.”

A história do acordo PT/PL quase não repercutiu porque foi revelada num dos momentos mais graves do escândalo do mensalão e acabou ofuscada pela enxurrada de acontecimentos. A revista *Época* que trouxe a entrevista com Valdemar Costa Neto confessando a operação de suborno circulou em 13 de agosto de 2005, no dia seguinte àquele em que Lula admitiu ter sido “traído por práticas inaceitáveis” e afirmou não ter vergonha de dizer ao povo brasileiro “que nós temos de pedir desculpas. O PT tem que pedir desculpas. O governo, onde errou, tem que pedir desculpas”.

Lula, aliás, jamais iria apontar quem o traía. Nem tampouco é o caso de simplesmente pedir desculpas para se livrar de atos criminosos. Lula procurava ganhar tempo na tentativa de reduzir os danos do depoimento do publicitário Duda Mendonça à CPI dos Correios, ocorrido na véspera. Talvez tenha sido o fato mais marcante da crise. O homem responsável pela campanha que elegeu o presidente da República confessara o recebimento de R\$ 11,9 milhões em caixa 2. Dinheiro repassado por Marcos Valério, e que serviu para pagar os serviços prestados a Lula por Duda Mendonça em 2002. Para muitos analistas, teria sido o momento certo para deflagrar o processo por crime de responsabilidade contra Lula, cuja pena seria o seu *impeachment*.

Neste contexto, chegava às bancas de jornal a revista *Época* com a entrevista de Valdemar Costa Neto concedida aos repórteres Thomas Traumann e Gustavo Krieger. Como se sabe,

Valdemar Costa Neto foi um dos artífices da aliança PT-PL. Ele dera os detalhes do acordo:

- Tudo começou nas negociações para fechar o apoio a Lula em 2002, com José Alencar, do PL, como vice. Tivemos muitas reuniões em Brasília, na casa do José Dirceu. Sempre participavam o João Paulo Cunha, quase sempre o Silvio Pereira, sempre o Delúbio Soares, além do José Alencar.

Valdemar Costa Neto contou que, com a aprovação da verticalização das eleições, ou seja, com a obrigatoriedade de as alianças regionais seguirem a coligação nacional, o PL precisou de dinheiro:

- A questão é que o PL precisava ter 5% dos votos para ter as verbas do fundo partidário. Com a verticalização, as nossas chances de chegar a 5% eram pequenas, porque só poderíamos coligar com o PT. Falei para o Zé Dirceu: “Para isso, preciso de uma estrutura muito maior para segurar meu pessoal”. Ele falou: “Mas quanto?” Eu falei: “R\$ 15 milhões, R\$ 20 milhões”.

O PT dizia não ter dinheiro. Valdemar Costa Neto envolveu Lula e Alencar:

- Já estávamos fazendo uma nota conjunta dizendo que a coligação PT-PL não ia sair quando me liga o Zé Alencar. Eu contei a ele que não conseguimos chegar a um número. “Não vou prejudicar nosso pessoal todo em troca de uma aliança”, falei. O Zé Alencar disse para eu não assinar a nota conjunta. Daí 15 minutos, ele ligou e disse que o Lula viria no dia seguinte a Brasília resolver o assunto.

Ficou claro o envolvimento de Lula. Valdemar Costa Neto dissera que não se chegara a “um número”, Alencar pediu um tempo e em 15 minutos telefonou e informou que Lula viajaria a Brasília para resolver. A negociação:

- A reunião foi no apartamento do deputado Paulo Rocha. Estavam lá o Lula, o José Alencar, o Dirceu e o Delúbio. O Lula chegou para mim e disse: “Quer dizer então que você é o nosso problema?” “Não posso matar o nosso pessoal”, respondi. O Zé Dirceu não queria falar de dinheiro, queria negociar a participação no governo: “Valdemar, vamos governar juntos?” Respondi: “Mas, desse jeito, não vai sobrar ninguém na Câmara para governar junto com vocês”. Depois o Lula até falou para o Zé Alencar: “Vamos sair porque esta conversa é entre partidos, não entre candidatos”. Daí o Delúbio chegou perto de mim e disse: “Vamos conversar”.

- E vocês falaram de números...

- O Lula e o Alencar ficaram na sala e fomos para o quarto eu, o Delúbio e o Dirceu. Eu comecei pedindo R\$ 20 milhões, para levar uns R\$ 15 milhões. Daí, ficou aquela discussão. Uma hora, o Zé Alencar entrou e falou: “E aí, já resolveram?” Eles achavam que iam arrecadar R\$ 40 milhões. Eu falei: “Tira R\$ 15 milhões para a gente. É justo”. Eles ameaçaram ir embora. O Lula mandou ligar para o Patrus Ananias e avisou que, se a conversa não desse certo, ele seria o candidato a vice na chapa. Uma hora, o Dirceu chegou a dizer “acabou”. Eles batiam tanto o pé comigo que eu pensei: “Ô povo firme. Esses vão me pagar rigorosamente em dia”. Daí chamei o Zé Dirceu de volta para o quarto. O Zé Alencar veio junto. Falei: “Vamos acertar os R\$ 10 milhões”. Voltamos para a sala e avisamos: “Está fechado”. Lembro ainda que o Zé Alencar falou “peça tudo por dentro”.

- Lula sabia que a conversa no quarto era sobre dinheiro?

- Ele sabia. O presidente sabia o que a gente estava negociando. Olha, ele e o Zé Dirceu construíram o PT juntos. O Lula sabia o que o Dirceu estava fazendo. O Lula foi lá para bater o martelo. Tudo o que o Zé Dirceu fez foi para construir o partido.

- O vice-presidente José Alencar falava “tudo por dentro”. E o presidente Lula dizia o quê?

- Nunca falou. Quando saí, ele me falou: “Então está liquidado o assunto”. O Lula foi lá para autorizar a operação. E não vejo nada demais. O que ninguém esperava é que desse essa lambança.

Hora do pagamento. Delúbio Soares procurava Valdemar Costa Neto:

- Em fevereiro de 2003, ele falou que ia me dar a primeira parcela. Falou para eu mandar meu pessoal até a SMPB, em Belo Horizonte, para pegar o dinheiro. Perguntei quanto era. Ele disse: “Eu não sei. Vai lá”. Mandei o Jacinto Lamas. Chegou lá, o Jacinto me liga: “Não é dinheiro, me deram um envelope”. Eu falei: “Nem abre”. E liguei para o Delúbio. Falei: “Delúbio, é um envelope”. Ele falou: “Não tem problema, pode trazer”. Mandei o Jacinto levar o envelope fechado para São Paulo, até o *flat* onde eu morava. Quando abri o envelope, eram cheques. O total era de R\$ 800 mil. Todos cheques da SMPB, para uma empresa chamada Guaranhuns. Eu liguei de novo para o Delúbio. Ele falou: “Fica tranquilo, que eu vou mandar buscar o cheque aí”. Passa uma hora, vem um segurança, desse pessoal que mexe com dinheiro, e falou assim: “Vim resgatar”. E me deixou o dinheiro. Dinheiro vivo, *cash*. Estava numa daquelas malinhas com rodinhas, de levar no aeroporto. Chamei alguns fornecedores de campanha e eles pegaram todo o dinheiro.

- Esse procedimento, de pegar cheques na SMPB e trocar por dinheiro em São Paulo, se repetiu?

- Duas ou três vezes. O sujeito chegava, colocava o dinheiro na mesa e pedia que eu conferisse. Separava direitinho nos pacotes.

Valdemar Costa Neto garantiu que o dinheiro não seguia para deputados do PL, apenas para fornecedores de campanha. Nas viagens a Belo Horizonte, segundo ele, o tesoureiro Jacinto Lamas foi buscar um total de R\$ 3,2 milhões. O presidente do PL disse que ficava preocupado com a logística de mandar pegar cheques na capital mineira, mas o esquema não incomodava Delúbio.

- Quando você está no governo, você é o dono do mundo. Você não tem preocupação com nada. Eu disse para ele: “Você está me mandando em cheque e eu quero em dinheiro. Para com isso. Me tira desse negócio lá de Minas Gerais, que está ficando ruim para mim”. Aí, eles inventaram aquele negócio do Banco Rural. Mas foi só em setembro. De abril a setembro de 2003, não recebi nada.

- O dinheiro era sempre entregue na SMPB ou no Banco Rural?

- Não, teve dinheiro que eles entregaram para mim. Entregaram para o Jacinto em Brasília... O Jacinto chegou a receber em hotéis. Uma vez, em São Paulo, mandaram ele pegar o dinheiro num restaurante. Era sempre o Delúbio quem me avisava que o dinheiro estava liberado.

Os repórteres de *Época* perguntaram quando os pagamentos passaram a ser feitos diretamente no Banco Rural. Valdemar Costa Neto respondeu:

- O Delúbio falou: “Vou mandar o dinheiro para Brasília. Pega no Banco Rural”. Isso me atrapalhava, porque os credores do PL estão em São Paulo. O Jacinto Lamas deixava o dinheiro comigo, e os credores iam receber lá em casa. Primeiro no hotel Academia de Tênis, onde eu morava. Depois na minha casa, em Brasília.

Valdemar Costa Neto levou uma “geladeira de um ano” do ministro José Dirceu, por divergências na Reforma da Previdência. Nesse período, de acordo com ele, “José Dirceu escolheu operar com o Roberto Jefferson. O Jefferson era o cara que estava sempre com eles, que andava com o Lula. Eles entraram nesta porque quiseram. Jefferson é um sujeito conhecido na praça”.

- Conhecido como?

- Conhecido. Como um cara mal-intencionado, perigoso. Para indicar diretor de estatal... Ele diz que indicava diretores de estatais para arrecadar dinheiro para o PTB. Em dois anos de governo Lula, o PTB arrecadou oficialmente R\$ 200 mil. Ele diz que arrecadava R\$ 400 mil por mês em uma estatal. Onde ele punha esse dinheiro? Ia para o bolso dele. Eles acabaram como tinham de acabar. Em Brasília, você é obrigado a conviver com pessoas que não gosta. Mas não precisa colocar dentro de sua casa. Eles escolheram conviver com um cidadão assim. Eles indicavam aos deputados para ir para o PTB. Tem de perguntar para eles por que esta preferência.

Época indagou quanto Valdemar Costa Neto recebeu do esquema Valério:

- Foram R\$ 6,5 milhões. Não chegou aos R\$ 10,8 milhões que estão falando. Estão botando R\$ 4 milhões a mais na minha conta. Dinheiro que foi repassado para a Guaranhuns e um outro cheque, que não é nosso.

- Delúbio Soares diz ter montado o caixa 2 sozinho. É possível que o ex-ministro José Dirceu não soubesse do que estava acontecendo?

- O Zé Dirceu sempre comandou o PT. O Zé e o Lula. Eu cheguei a cobrar o Zé diversas vezes no Planalto. Falei: “Zé, meu dinheiro está vindo pingado, em conta-gotas”. Falei que eu queria receber tudo de uma vez. O Zé disse: “Calma que o Delúbio está providenciando o dinheiro para te pagar. Ele vai arrumar o dinheiro e resolver tudo”.

- Ele sabia o que o Delúbio estava fazendo?

- É gente deles. Esse pessoal construiu o PT junto. Delúbio, Lula e José Dirceu são a mesma família. Por que, agora, na desgraça, só um vai pagar? Tenho certeza de que o Dirceu nunca fez nada que o presidente não aprovasse.

Três dias depois de publicada a confissão de Valdemar Costa Neto, o vice José Alencar concedeu entrevista durante evento no Palácio do Planalto. Confirmou as declarações de Valdemar:

- Tudo aquilo que ele fala é verdade. Houve uma reunião e houve um acordo. Esse acordo está registrado na imprensa no ano de 2002, um acordo eminentemente político.